

7753

Cine local

O cinema brasileiro está com idéias na cabeça e câmera na mão. Finalmente, a novela cinema brasileiro versus instituições de cultura teve um happy-end, onde todo mundo saiu ganhando, através da criação do Centro Brasileiro de Produção Cinematográfica, inaugurado recentemente. Em 69, houve uma tentativa de se implantar um pólo de produção cinematográfica no curso de Cinema da Universidade de Brasília. Mais tarde, nova tentativa foi empreendida no Centro de Criatividade.

A Embrafilme concedeu, a título de empréstimo, um pequeno parque de equipamentos básicos para a produção de filmes em Brasília, constituído por duas câmeras (em 16 e 35mm) e uma moviola, a serem geridos pelos próprios produtores locais: os cineastas. Agrupados em torno da Associação Brasileira de Documentaristas — ABD-DF, estes cineastas criaram um centro — O Ceprocine — com o objetivo de gerenciar os equipamentos e fomentar a produção de filmes culturais na cidade. A primeira diretoria do Centro é formada por Sérgio Moriconi, Mi-

guel Freire, Waldir Pina de Barros e Marcia Gomes (Secretária).

Para a sua implantação “física”, o Centro contou com a ajuda da Fundação Cultural, através do seu diretor Carlos Mathias, — “que confiou e acreditou no nosso trabalho — comenta Miguel Freire” — garantindo o aluguel de uma sala no Edifício Central de Brasília (sala 1304) e o auxílio na compra dos primeiros móveis. “O grande articulador de todo este processo foi o presidente da Associação de Documentaristas, José Accioli. Ele esteve ao nosso lado em todas as negociações” — explica Miguel.

Uma câmera Arriflex em 35mm, uma câmera Bolieux 16 mm, uma moviola para 16 e 35 mm e parte de um parque de iluminação compõem os equipamentos emprestados pela Embrafilme, durante o período de dois anos, correspondente ao final da gestão de Roberto Parreira. O convênio firmado prevê a ampliação do parque de equipamentos, caso isto se justifique: a produção de longas-metragens: Qualquer pessoa li-

gada ao cinema pode associar-se e usufruir dos serviços do Centro” — explica Miguel Freire. Os serviços: aluguel de equipamentos a preços simbólicos em tabela das empresas e uso da sala como escritório de produção.

— Brasília vem produzindo filmes de qualidade com uma quota de sacrifícios muito grande. Com a chegada destes equipamentos, acredito num ritmo de produção mais contínuo e uma maior profissionalização dos técnicos e operadores de equipamentos. O resultado disto será uma resposta do mercado de cinema.

Com os meios técnicos de produção na mão o próximo passo do Centro é batalhar a produção econômica para a criação da cultura cinematográfica brasileira, num momento em que a cidade começa a se afirmar em todos os níveis: “Se tivemos apoio, a nível federal, através da Embrafilme, a nível estadual, através da Fundação Cultural, é natural que haja uma resposta do comércio e da indústria de Brasília. Existe uma série de pessoas que ajudou a im-

plantar a cidade, e está comprometida com a criação de Brasília”.

Embora Brasília já disponha de determinados técnicos, o Centro pretende especializar e ampliar esta mão-de-obra. Para tanto, está organizando com auxílio da Capes, um curso a ser ministrado, em setembro, por profissionais do eixo Rio-São Paulo, com número de vagas restrito. E, além disto, promoverá também um curso sobre linguagem cinematográfica, aberto a todos os interessados, com as possíveis presenças de: Ismail Xavier, João Batista de Andrade, Jean Claude Bernadet, Mário Carneiro, entre outros. O Ceprocine foi inaugurado no dia 18, do mês passado, com a presença de Roberto Parreira, diretor da Embrafilme, e Eurides Brito, diretora da Fundação Educacional, Carlos Mathias, diretor da Fundação Cultural, além de José Accioli, presidente da Associação de Documentaristas, Marlia Duarte, animadora cultural, Jô Oliveira, artista plástico, entre outros intelectuais brasileiros. (Severino Francisco)